

## Paulo Gaspar defende criação de instituto para planejar Campinas do futuro

Rodrigo Pimenton

Morando em Campinas há 52 anos, onde viveu a infância na região do bairro Guanabara, arquiteto, casado com a também arquiteta Gisela Puppo e atualmente exercendo o primeiro mandato como vereador pelo partido NOVO, o canceriano com ascendente no signo de capricórnio, Paulo Gaspar, foi o convidado do presidente-executivo do **Correio Popular**, Ítalo Hamilton Barioni, para a entrevista deste domingo. Sem papas na língua e prestes a se tornar sequestrado, Gaspar é crítico das recentes políticas públicas anunciadas pela Prefeitura para a requalificação do Centro. Na opinião dele, o projeto proposto para ser eficaz precisa alterar o zoneamento da região central, reduzir o IPTU para todos os proprietários, estabelecer parcerias com a iniciativa privada, e incorporar uma função social através de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social (EHS Cohab).

Para o vereador, o poder político que vigora em Campinas dificulta o planejamento urbano da cidade. Ele defende que seja criado um Instituto de Planejamento Urbano - uma estrutura técnica capaz de pensar e planejar o desenvolvimento da cidade com assertividade e a longo prazo. Intenso e liberal, Gaspar afirma não ser da base e nem da oposição ao governo Dário Saadi (Republicanos). Diz lutar por um Estado enxuto e eficiente. No bate papo, o vereador fala sobre os movimentos de rua que o levaram para a vida pública e discorre sobre sua paixão pelo partido NOVO. Se posiciona sobre o segundo turno das Eleições, fala da relação política entre as estruturas do Legislativo e Executivo e dos desafios que enfrenta no mandato, onde preside uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que investiga um dos maiores escândalos da história envolvendo o Poder Legislativo campineiro.

**O sr. é paulista de Bebedouro, quando começa sua ligação com Campinas?**

vim para Campinas por volta de 1970, então com sete anos de idade. Morei no bairro do Guanabara, onde tenho a casa até hoje. Estudei na Escola Estadual Dona Castorina Cavalheiro, colégio Culto à Ciência e fiz o colégio técnico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 1987, concluí a graduação em arquitetura na PUC-Campinas. Desde então são mais de 40 anos trabalhando como arquiteto e construtora na cidade. Na faculdade tive aula com o prefeito Toninho (Antônio da Costa Santos). Trabalhava com o Toninho nas fevêlas e era amigo pessoal dele. Foi uma época muito boa. Muito bacana mesmo!

**Como arquiteto, o sr. teve alguma relação com prefeituras ou Estado? Construiu alguma obra pública?**

Bem, no início da minha carreira, saí vereador de uma licitação pública no município de Santa Bárbara D'Oeste. Construí um teatro e um ginásio. Daí eu vi pela primeira vez a corrupção de perto. Pensei: é assim que a coisa funciona. Estou fora! E nunca mais fiz uma obra pública. Mergulhei no ramo residencial, onde não precisava depender de prefeitura, de Estado, de município. E assim fiz minha carreira. Sou um liberal completo. Antiburocracia, antiarras e talvez por isso que eu tenha optado em atuar no ramo residencial, onde eu não precisava fazer lobby com nenhuma corporação, e foi onde eu me senti mais livre.

**E a vida pública entrou como nessa trajetória. O Toninho te inspirou?**

Não. Minha vida inteira foi trabalhar. Tenho isso em mim. Acho que veio um pouco da criação do meu pai. Comecei muito cedo já com a arquitetura a partir da escola técnica de desenho, onde comecei a trabalhar com os escritórios e depois consolidando minha carreira. Mas a política começou a surgir em 2013, época daqueles movimentos de rua dos 0,20 centavos. Eu já estava em uma fase bem avançada da minha carreira, com a vida economicamente estável, onde eu já podia tirar o pé do acelerador. Ai pensei em retribuir o que a vida havia me dado. Até então eu fazia o dever de casa como todo o cidadão, pagava impostos, fazia assistencialismo em igreja, orfanato e tal, mas isso era o mínimo do mínimo. Foi então que caiu a ficha que era só através de uma atitude política é que se podia fazer alguma diferença. E coincidiu de eu estar nesse momento da vida, de ter essa percepção e de estarem ocorrendo os movimentos de rua. Foi uma conjuntura que eu embarecei.

**E você conduziu movimentos de rua na ocasião em Campinas?**

Os movimentos estavam fortes em São Paulo. Em Campinas ainda não. Então abri um canal em uma rede social e com o embalo dos movimentos que estavam acontecendo em São Paulo fui para a rua em Campinas. Mas foi em 2015 com o impeachment da Dilma que a coisa pegou. Nessa época eu entro no MBL (Movimento Brasil Livre), onde eu fiquei cinco anos. Conseguimos o impeachment. Fomos a pé para Brasília. Acampamos na frente do Congresso Nacional. Aqui em Campinas foram centenas de manifestações. Além do impeachment, teve ação pelo fim do foro privilegiado, em favor da Lava Jato, e além das pautas nacionais tiveram as pautas municipais. Fiquei dois anos como ativista e peguei o 'gostinho' pela política municipal.

**Foi então que teve a intenção de se tornar vereador?**

Não tinha intenção nenhuma de ser vereador. Eu era de um movimento político. Ativismo político mesmo, no sentido de lutar para melho-

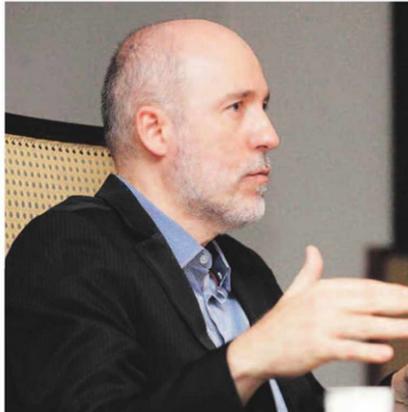


Vista parcial da região central de Campinas, com o Bosque dos Jequitibás em primeiro plano; vereador Paulo Gaspar critica projeto de requalificação do Centro

ENTREVISTA

## Gaspar defende instituto para planejar Campinas

Vereador do NOVO critica plano da Prefeitura para requalificar o Centro



O vereador Paulo Gaspar (NOVO) em visita à sede do jornal Correio Popular

rar a cidade o país. Essa era a pauta. Mas de tanto que foi meu engajamento, e isso é um pouco do meu perfil, encarnei tudo com muito propósito, alguns colegas do movimento começaram a me assediarem para sair candidato a vereador. Ai eu fui naquela de querer ajudar e a coisa acabou acontecendo. Mas estudei muito como era a atuação e um vereador antes de dar esse passo.

**E o sr. acabou uma identificação com o partido NOVO?**

Tinha alguns colegas ativistas que eram do partido NOVO e eu tinha essa identificação com as pautas. Então, pensei, se eu fosse entrar mesmo nessa história e ter que me filiar a um partido político para concorrer às eleições só poderia ser no NOVO. Porque o NOVO tem esse ativismo que a gente veste a camisa do partido todo mês e vai para a rua. Eu não teria coragem de vestir a camisa de nenhum outro partido se não fosse o do partido NOVO. Eu sou fã do NOVO. O NOVO é liberal e luta pelas pautas que eu luto e acredito. E naquela de ajudar formamos uma chapa de 16 nomes para a disputa das eleições de 2020 para vereador. A chapa tinha que ter 50 nomes, mas não conseguimos. Porque o partido tem toda uma cartilha que ser rezada. A gente não usa verba eleitoral, a gente vai ter que colocar do bolso. Se você entrar vai ter que abrir mão de todos os privilégios do mandato, enfim. Não é qualquer um que topa o desafio.

**E o sr. acabou eleito. Está seguindo a cartilha do partido?**

Sim, estamos com meta de economizar R\$ 1 milhão durante o mandato em verbas públicas. Dinheiro gasto com uso de carro oficial, gasolina, por ter um assessor a menos, ter economia de gabinete. São todos cortes que a gente faz, que é o mínimo, mas que no final representa

um grande volume de recursos públicos. E a gente faz isso porque a gente defende que o Estado também faça isso. Que o governo seja enxuto e eficiente. Então tudo que for gordura a gente defende que seja cortado, porque isso reflete nos impostos. A gente paga alta carga tributária no Brasil, porque a carga de privilégios é muito grande e a eficiência é baixa. A gente defende que o Estado tem que participar menos das atividades econômicas e mais a iniciativa privada. A gente defende mais as parcerias público privadas.

**O sr. recebe muitas críticas por defender pautas como a privatização?**

Sim, a gente defende a privatização da Saneasa, da IMA e outras mais. E todas as nossas pautas vão nesse sentido de fazer concessão para a iniciativa privada, seja de parques públicos de teatros municipais e de tudo o que a gente pode fazer nesse sentido. Defendemos o engajamento das secretarias de governo. Ao invés de duas ou três, fazer uma só, mas enfim, a gente nem sempre é compreendido. Então a gente faz isso no mandato como vereador. Então toda a política nossa de mandato no partido NOVO é nesse sentido.

**E como o sr. avalia o desempenho nas urnas do NOVO nessas Eleições 2022 com muitas cadeiras perdidas?**

Avalio que houve um ajuste, e que era necessário. Porque o NOVO na participação da primeira eleição foi algo inexplicável. Como explicar que um partido que acaba de surgir participar de uma primeira eleição nacional e fazer 20 deputados e um governador. Na primeira eleição municipal, o NOVO elegeu quatro vereadores. Isso está dentro da curva. Agora, nacionalmente, na segunda eleição o partido ter o desempenho



**A estrutura da Secretaria de Planejamento, do jeito que está hoje, é inviável. Ela não está feita para pensar a cidade. Seria preciso criar uma superestrutura dentro dessa secretaria para de fato o planejamento da cidade funcionar**

que o NOVO teve foi muito fora da curva. Não daria para continuar desse jeito. Então acho que nessas Eleições ocorreu um ajuste. Elegemos oito deputados, entre federais e estaduais. Agora, agora está do nosso tamanho. Vamos parar a ilusão, descer do salto e entender que essa é a nossa realidade. O nosso tamanho. Tínhamos 20 deputados e quatro vereadores. Era uma pirâmide invertida. Agora nós temos 30 vereadores e oito deputados. Agora a pirâmide para em pé.

**O fundador do NOVO, o banqueiro João Amôedo, declarou apoio ao Lula. Como o sr. recebeu essa notícia?**

O NOVO é antiPT antes de qualquer coisa. Nós defendemos pautas liberais, um Estado mínimo e eficiente. O PT defende o contrário. Em relação a declaração do Amôedo, claro que achei um absurdo. Entendo que a rejeição dele ao Bolsonaro é tamanha que ele prefere declarar voto no Lula. Acho que foi nesse sentido que ele pronunciou o voto dele. Mas para gente, principalmente para quem é mandatário, que é o meu caso, é uma traição. Nesse sentido foi totalmente descabida a declaração do Amôedo e fizemos um protesto nas redes sociais em relação ao fato. Estou totalmente alinhado com o partido e somos antipetismo radicais e nesse segundo turno, diante disso, eu, infelizmente, vou votar no Bolsonaro. É uma questão de foro íntimo eu prefiro voto no ruim do que no péssimo.

**Como o sr. enxerga essa polarização Petismo X Bolsolarismo?**

Isso é quase como uma seita. Tanto o bolsolarismo como o petismo. Nós não estamos em nenhum deles, como liberais propagamos as nossas ideias. A gente está numa região cinza. Hoje como está tudo polarizado ou você é uma coisa ou você é outra, senão você não é nada. E nós não somos nem um nem outro. Rejeitamos qualquer um dos dois lados, apesar de sermos um partido de Direita. Só que o bolsolarismo não é um partido. O petismo até tem um partido para chamar de seu. O bolsolarismo não. Então ele se hospeda em todos os tipos de partidos e virou mesmo meio que uma seita dos dois lados. As pessoas são devotas. Não usam o raciocínio para fazer o jogo político, as pessoas pensam com o figado. Nós estamos fora desses dois espectros. Nós somos de Direita porque nós somos pelo menos Estado no sentido de economia e nossa propaganda é nesse sentido de não fazer esse marketing com a administração pública para ter benefício próprio.

Fotos: Kamã Ribeiro

ENTREVISTA

# Vereador do NOVO sonha em ver tudo privatizado

## Vereador propõe passar equipamentos públicos para iniciativa privada

O sr. tem sido muito crítico em relação às políticas criadas pelo atual governo no que se refere ao planejamento urbano da cidade. Como avalia a situação e Campinas?

O planejamento urbano seja em Campinas ou em qualquer lugar do Brasil não funciona de forma separada da estrutura política. Você tem um jogo político a qual todos somos submetidos e esse jogo é feito para não dar certo. Porque é feito para as oligarquias políticas se manterem no poder. Então, os instrumentos políticos necessários para que o planejamento urbano dê certo ficam submetidos ao poder político. Em Campinas nós temos os partidos políticos que compõe o governo hoje, o poder político da cidade, e esse poder está concentrado na mão de grupos políticos. E quando se propõe algo que tira esse poder da mão do grupo político para colocar nas mãos de técnicos, quando se trata de planejamento urbano, isso não acontece e o resultado é esse que todos conhecemos.

E qual a sua proposta efetiva que poderia realmente resolver essa questão e tranquilizar todos os ângulos envolvidos?

Levamos sempre um exemplo de Curitiba. Curitiba teve Jaime Lerner, arquiteto e político. Ele foi três vezes prefeito e duas vezes governador, ou seja, houve continuidade de propostas na área do planejamento para Curitiba. Coisa que não acontece em Campinas. Ou seja, se não há uma estrutura centralizada fica muito difícil planejar. Qual é a nossa proposta nesse sentido para Campinas: criar um instituto de planejamento de Campinas. Uma espécie de escritório que consiga pensar Campinas para os próximos 100 anos. É preciso que alguém pense, planeje a cidade e que haja um compromisso acima de tudo com a continuidade. A gente precisa do desenho de Campinas e de critério técnicos de quem entende.

A Secretaria de Planejamento hoje tem estrutura para isso?

A estrutura da Secretaria de Planejamento, do jeito que está hoje, é inviável. Ela não está feita para pensar a cidade. Seria preciso criar uma superestrutura dentro dessa secretaria para de fato o planejamento da cidade funcionar. Hoje a secretaria funciona de forma política. Tudo passa pela benção dos grupos políticos que comandam a cidade. Qualquer grande empreendimento na cidade precisa da benção de muita gente lá dentro. Isso não é democrático, nem republicano e faz a cidade andar de lado e parar no tempo. Isso cria todos os problemas que a gente vivencia. É preciso uma estrutura pragmática, extremamente técnica e que seja independente. Curitiba deu certo porque tinha alguém no poder com essa visão e deu total autonomia para um instituto técnico trabalhar. É preciso que o político que esteja no poder entenda que é necessário continuidade e critérios técnicos na área do planejamento. Por isso é preciso que bons políticos estejam no poder, porque senão qualquer um coloca aí em uma boa proposta. E isso é o que a gente mais vê acontecer no Brasil.

Do ponto de vista de nomenclatura essa estrutura receberia?

Seria um instituto de planejamento, escritório de planejamento. O Toninho queria fazer isso. Arquiteto, tinha essa visão. Teve oito meses de mandato. A Emdec nasceu com esse objetivo, Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano. Tem gente que é contra criar uma autarquia. Poderia ser criada dentro da estrutura da Secretaria de Planejamento. Não importa o formato, o que importa é o objetivo, a funcionalidade e a capacidade.

Foi desse propósito que nasceu a Frente Parlamentar de Legislação Urbana?

A Frente Parlamentar de Legislação Urbana nasceu para criar esse direcionamento. Um grupo para a gente discutir o Plano Diretor e legislação urbana, porque a legislação urbana campineira é uma tragédia. Tudo o que a administração Diário está fazendo e tudo o que os outros gestores fizeram é enxugar gelo. É uma coisa que não tem solução enquanto não mexer na legislação. É preciso deixá-la simples. Acabar com a figura do técnico burocrata atrás da mesa dando canetada nos projetos, dizendo isso pode isso não pode. Essa postura alimenta uma fila de espera para regularizar um puxadinho, por exemplo. Isso reflete na economia. Ai surge a sonegação, as portas se abrem para a corrupção e para a fuga de capital. A frente nasceu para chamar atenção para esse problema, para chamar o debate e juntar as forças.

E está conseguindo?

A frente foi criada com 30 entidades. Mas quando a gente começa a apontar a ferida, fica todo mundo amotado. E eu estou lá para cumprir meu papel institucional. Não estou para prejudicar ninguém, muito pelo contrário. Não sou da base do governo e nem oposição. Estamos aqui para somar as forças e ajudar a cidade.

Como legislador você se considera parceiro da Administração?

Estamos sendo parceiros da Administração. Temos mais de 120 projetos na Prefeitura. Estou muito feliz nesses dois anos porque a gente ajudou muito o governo Diário. E ninguém sabe que a gente está ajudando. Me coloquei a disposição e estamos tentando construir junto. Agora, quando o projeto está equivocado a gente vai criticar. Tenha certeza disso!

É o que acontece com o Retrofit, proposta da prefeitura para revitalização do Centro?

Esse projeto é nosso. Levamos ele ao prefeito Diário e para a secretária de Planejamento, Carolina Baracat. Afirmamos que o projeto era bom e nos colocamos à disposição para construirmos juntos. Passado mais de um ano o projeto está pronto e passa a ser divulgado. E nem chamaram a gente para conversar e discutir. Em mais de cem projetos ajudamos a construir. Então es-



Bondinho da Lagoa do Taquaral, parque público administrado pela Prefeitura: proposta do vereador Paulo Gaspar é transferir a gestão para uma empresa privada



O vereador de primeiro mandato, Paulo Gaspar, do NOVO, preside a CPI da Propina, que investiga um dos maiores escândalos de corrupção envolvendo o Poder Legislativo campineiro

se, do Centro, a gente teve a decepção do anúncio de que estava pronto. Pensei: que bom se está pronto vamos ver se ficou bom. E ao analisar foi uma frustração. Ficou horrível. Ele não pára em pé. É o típico projeto que só serve para dizer que fez alguma coisa. E eu disse isso ao prefeito Diário. Mas muita gente aplaudiu. E eu pensei: o que esse povo tem na cabeça?

E na sua avaliação o projeto é falho. Falta capacidade técnica na formatação?

Ele fala basicamente em renúncia fiscal para se reformar propriedade privada. Vai se conceder 12 anos de isenção de IPTU, ISS e ITBI para reformar o prédio. Dependendo da reforma, ganha muitos anos. Eu também quero isso para reformar a minha casa! Então, assim, primeiro o projeto não tem nenhuma função social. Inclusive é inconstitucional. Falta capacidade técnica, me desculpe, mas não houve capacidade para criar uma lei. É preciso pegar as entidades e discutir muito. É o que a gente está fazendo na frente.

E qual seria a proposta?

Para mim tem que abortar esse projeto. É preciso trazer função social para o projeto, fomen-

tar parceria público privada. Criar o instituto da locação social. Atrair gente e acabar com o abandono do Centro. Gente atrai consumo comércio serviço, melhora a questão a violência. Como vai trazer um IPTU caro? Minha proposta ao prefeito foi baixar o IPTU do Centro, aí se faz uma renúncia com alcance para todos, e não só para quem tem condições de reformar. É preciso trazer a Cohab para o projeto. Através de parcerias público-privadas é possível realizar as reformas. Depois gerenciar a questão da locação social, para atrair a população da periferia para morar no Centro. População essa que vai trabalhar aqui no centro, nos bairros da região como o Cambuí, Guanabara e Botafogo, fazendo tudo a pé. Vai dar mais dignidade para as pessoas, vai habitar o Centro e fazer com que a fila da moradia popular ande. É preciso mexer no zoneamento do Centro aumentar o potencial construtivo para as construtoras fazerem mais unidades a um preço mais barato. É um outro conceito. Igual o que acontece em diversas cidades do mundo. Você adensa, verticaliza e cria uma mobilidade. Tudo isso deveria estar contemplado nessa Lei e não está. Então é isso. Fizemos enquanto a frente parlamentar todos esses apontamentos e colocamos



Paulo Gaspar, em 2013, quando participava dos protestos de rua dos 0,20 centavos em Campinas

mos na mão da prefeitura, mas até agora não tivemos retorno. A ciúmeira e a parte política infelizmente são um problema.

E falando em problema, o que não falta na Câmara Municipal são problemas. Além dos escândalos de corrupção, tem a performance muito aquém do esperado. Como o sr. avalia?

A principal função do Legislativo é fiscalizar, não é nem criar lei. O vereador precisa ter capacidade de desenvolver um bom projeto ou entender que um projeto que vem do Executivo é ruim, tendo a capacidade de propor melhorias através de emendas. Só exercendo a fiscalização e tendo critérios técnicos para aprovar projetos já seria um grande avanço do Legislativo campineiro. Mas a maioria dos vereadores atua no assistencialismo, com o chapéu alheio. Quem executa obra ou faz zeladoria de bairro não é vereador. Vereador não é para isso. Quem faz é o Executivo. Mas como o governo coopria para se formar uma base, fica difícil. O governo 'compra' o vereador com uma regional. E o vereador vira da base. O NOVO não trabalha desse jeito. Não tenho cargo e não tenho interesse nenhum em ter. Eu quero que esse governo vá bem, que o prefeito seja reeleito. Só que se for identificado alguma coisa errada nós temos o nosso dever institucional de fazer o apontamento.

E em relação à CPI, o sr. acredita que a Câmara conseguirá cortar na própria carne?

O Ministério Público pediu a quebra do sigilo de todas as interceptações que foram feitas durante o período de buscas e apreensões da investigação. Estamos aguardando isso. Com a análise da transcrição dos áudios que foram divulgados e o teor das investigações que estão ainda sob sigilo a gente vai ter muito mais detalhes. Nesta quarta-feira vamos colher o depoimento do empresário Celso (Palma) e eventualmente do vereador Marcelo Silva para dar o pontapé inicial da apuração política. O foco do MP é as denúncias de cobrança de vantagem indevidas que envolvem o vereador Zé Carlos. Na CPI, o foco é mais amplo, estende a investigação para os contratos terceirizados. Nós temos três pessoas da base e quatro que não são da base, então tem uma maioria que teoricamente não tem nenhum compromisso com o governo. É um bom indicio da independência dessa CPI.

O sr. é candidato a prefeito em 2024, ou nem pensa nisso?

A gente pensa, mas não vejo nenhuma perspectiva para isso acontecer. Mas quando a gente está no jogo a gente precisa estar à disposição. Se o cavalo passar selado! Eu adoraria se isso pudesse acontecer. Porque tudo isso que a gente está falando aqui que não sai da gaveta, poderia sair. Eu tenho coragem de fazer isso acontecer. Só precisa combinar com os russos. Se for possível (risos).

O sr. estaria aberto para alianças?

Com o NOVO dando as cartas, claro! Desde que sejam alianças republicanas, sem porteira fechada e com critérios técnicos. Numa cidade como Campinas a possibilidade de isso acontecer é zero virgula zero, zero um (risos). Dá para ter uma ideia, né!

Em meio a tantos compromissos, sobra tempo para praticar algum hobby?

Eu sou do tipo de pessoa voltado para o trabalho. Não sei ficar sem estar trabalhando. Já pratiquei bastante esporte quando mais jovem, mas hoje a prática ficou de lado. Meu hobby é mesmo trabalhar. Eu amo fazer tudo com intensidade. Eu sou muito de mergulhar de cabeça. Acho que por isso que não tive filhos. Essa coisa de parar tirar férias, só acontece se eu tiver com o celular ou o laptop do lado (risos).

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

**Seção:** Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5